

## Consumo regular de verduras e legumes no extremo oeste da Amazônia brasileira

Elielton dos Santos Gonçalves<sup>1</sup>, João Vitor Coelho Pacheco<sup>1</sup>, Paula Rúbia Jornada Bastos<sup>1</sup>, Athaid David Escalante Cayotopa<sup>1</sup>, Andreus Roberto Schlosser<sup>1</sup>, Alanderson Alves Ramalho<sup>2</sup>, Mônica da Silva-Nunes<sup>3\*</sup>

<sup>1</sup>Discentes do Curso de Medicina da Universidade Federal do Acre, Centro de Ciências da Saúde e do Desporto, Rio Branco, Acre, Brasil, <sup>2</sup>Docente do Curso de Medicina e da Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Centro de Ciências da Saúde e do Desporto da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil; <sup>3</sup>Docente da Pós Graduação em Saúde Coletiva (UFAC) e do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. \*[monicamamtra@gmail.com](mailto:monicamamtra@gmail.com)

Recebido em: 26/04/2021

Aceito em: 29/11/2021

Publicado em: 30/12/2021

### RESUMO

O consumo regular de verduras e legumes tem evidenciado diversos benefícios à saúde, desde o bom funcionamento do organismo à redução do risco de morte. O Brasil apresenta níveis de obesidade alarmantes, em especial o Acre que ocupa uma das primeiras posições entre as capitais. Efetuamos estudo transversal em Mâncio Lima, no Acre, para analisar a prevalência e os fatores associados ao consumo regular de verduras e legumes por moradores do município. Foram investigados 820 indivíduos no ano de 2012. A prevalência geral de consumo regular de verduras e legumes foi de 60,8%. Os fatores associados a esse consumo foram: consumo de doces igual ou superior a 5 dias na semana (OR = 1,6, IC 95%= 1,13 – 2,27, p = 0,008), consumo de carnes igual ou superior a 5 dias na semana (OR = 1,51, IC 95% = 1,09 – 2,1, p = 0,013) e consumo de frutas igual ou superior a 5 dias na semana (OR = 2,64, IC 95% = 1,92 – 3,64, p < 0,001). Idade igual ou maior que 50 anos teve associação ao consumo de verduras e legumes menos frequente (até 4 dias na semana). O consumo de verduras e legumes nesta população está dentro do recomendado pela Organização Mundial da Saúde e mostra associação com alimentação mais saudável.

**Palavras-chave:** Verduras. Legumes. Consumo. Saúde. Acre.

## Regular consumption of vegetables in Brazilian western Amazon

### ABSTRACT

Regular consumption of vegetables has shown several health benefits, such reduction of the risk of death, according to nutritional recommendations. In addition, Brazil has alarming levels of obesity, especially Acre, which occupies one of the top positions among the capitals. This is a cross-sectional study with a population in Mancio Lima, Acre, to analyze the prevalence and factors associated with the regular consumption of vegetables. About 820 individuals were investigated in 2012. The general prevalence of regular consumption of vegetables was 60.8%. The factors associated with this were: consumption of sweets equal to or greater than 5 days a week (OR = 1.6, 95% CI = 1.13 - 2.27, p = 0.008), meat consumption equal to or greater than 5 days a week (OR = 1.51, 95% CI = 1.09 - 2.1, p = 0.013) and fruit consumption equal to or greater than 5 days a week (OR = 2.64, 95% CI = 1.92 - 3.64, p < 0.001). Age equal to or greater than 50 years was associated with less frequent consumption of vegetables. The consumption of vegetables in this population is within the recommended by the World Health Organization and shows association with a healthier diet.

**Keywords** Vegetables. Consumption. Health. Food. Acre.

## INTRODUÇÃO

Verduras são plantas ou partes de plantas consumíveis por seres humanos cuja denominação é utilizada quando há porções comestíveis do vegetal (Folhas, flores ou hastes) (BRASIL, 2016). A tríade frutas, legumes e verduras é extensamente admitida pelos benefícios evidenciados no que se refere à prevenção da obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes, neoplasias malignas, doenças crônico-degenerativa, doenças periodontais, melhora da função renal, melhora do nível de massa óssea e redução do risco de morte (WHO, 2003; BUFFARINI, 2012; SILVEIRA et al., 2015). Sob tal enfoque, adequar a alimentação e nutrição para os padrões promotores de saúde e bem-estar, em consonância com as evidências científicas atuais, deve ser um caminho para formulação de políticas públicas, tais como a Organização das Nações Unidas sobre Alimentos e Agricultura (Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO) fomenta (FAO, 2021).

A garantia de segurança alimentar e nutricional de toda população deve ser uma prioridade mundial. Tais ideais dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável firmados internacionalmente com a Organização das Nações Unidas (ONU) (BRASIL, 2019). Nessa perspectiva, o Guia Alimentar para a População Brasileira do Ministério da Saúde, atualizado em 2014, tem como máxima o consumo mínimo de alimentos ultraprocessados: “Prefira sempre alimentos *in natura* ou minimamente processados e preparações culinárias a alimentos ultraprocessados” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p. 47). Diante dos padrões de alimentação dos brasileiros apresentarem os maiores índices de obesidade na última década (VIGITEL, 2019), faz-se necessário ampliar a disseminação dessas informações.

Em conformidade, a frequência de excesso de peso no país é de 55,4%, sendo ligeiramente maior entre homens (57,1%) do que entre mulheres (53,9%), ao passo que a frequência de adultos obesos é de 20,3%, sendo semelhante em ambos os sexos (VIGITEL, 2020). De modo alarmante, Rio Branco é a segunda capital brasileira com maior frequência de adultos obesos (23,3%) e a sexta capital com maior excesso de peso (56,6%), conforme dados da mesma pesquisa.

A variação dietética está diretamente ligada aos hábitos culturais, alimentares, disponibilidade de alimentos, fatores econômicos e ambientais. Com efeito, alimentos ultraprocessados tendem a fornecer um alto teor calórico, ao contrário das verduras e legumes que são fontes de fitoquímicos e têm nutrientes como minerais e vitaminas

(RAMALHO; TAVANO, 2013). Além disso, de acordo com Pontieri et al., (2011), verduras são fontes de fibras para a dieta, uma vez que fornecem resíduos de células vegetais resistentes às enzimas digestivas que regulam o funcionamento do trato gastrointestinal e reduzem níveis de colesterol do plasma sanguíneo. O consumo frequente de alimentos com alta concentração energética (como em frituras e açúcares) é observado concomitantemente a um aumento nas prevalências de doenças crônicas, sobrepeso e obesidade no Brasil (VIGITEL, 2019). Em virtude disso, a baixa densidade energética e perfil de nutrientes adequado tornam essas hortaliças uma escolha alimentar ideal e indispensável ao bom funcionamento e desenvolvimento do organismo (PONTIERI et al., 2011).

Tendo em vista o problema exposto, a ingestão diária recomendada de verduras é cerca de 400g (WHO, 2003), o que corresponde a 5 porções de 80g (PONTIERI et al., 2011). Ramalho et al., (2012) também reportam o consumo regular de verduras e legumes em pelo menos 5 dias da semana como marcador de alimentação saudável. O monitoramento populacional feito pelo Ministério da Saúde estimou em 2010 que os municípios das regiões Norte e Nordeste consumiam verduras e legumes com as menores frequências no país (VIGITEL, 2011). Por sua vez, a pesquisa (VIGITEL 2019) corrobora esses dados, e elenca que as cidades Belém, Macapá e Rio Branco ainda são as capitais com o menor percentual de adultos que consomem frutas e hortaliças.

O Brasil foi o terceiro maior produtor de frutas, verduras e legumes do planeta em 1999 (JUNQUEIRA; ALMEIDA, 2010). Silva (2008) aponta que 17,31 milhões de toneladas-ano foram produzidas entre 2005 e 2006 e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil estima que 17,9 mil toneladas somente de hortaliças foram produzidas em 2016 (CNA, 2017). Por conseguinte, a capacidade produtiva do país é compatível com o artigo 6º da Constituição que assegura a alimentação saudável como direito social individual e coletivo, bastam iniciativas que tornem essa distribuição equânime.

Desse modo, esse estudo objetiva analisar a prevalência e os fatores associados ao consumo regular de verduras e legumes em uma população do município de Mâncio Lima, estado do Acre, no ano de 2012.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### ***Área de estudo***

O estudo foi realizado no município de Mâncio Lima, Acre, Amazônia ocidental brasileira, na região mais ocidental do país. Mâncio Lima possui 5.453 km<sup>2</sup> de área (2,79 hab./km<sup>2</sup>), população estimada em 2020 de 19.311 pessoas em áreas urbanas (57,3%), rurais ou ribeirinhas (37,9%) e indígenas (4,8%) (IBGE, 2020). Localiza-se a 650 km a noroeste da capital Rio Branco e 38 km de Cruzeiro do Sul. Os municípios limítrofes são Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves para o leste, o estado do Amazonas ao norte e a oeste a fronteira com o Peru. Mâncio Lima é uma região equatorial cercada por palmeiras e florestas tropicais do bioma amazônico, pertence à região imediata de Cruzeiro do Sul e a mesorregião do Vale do Juruá. O período de chuvas vai de novembro a abril e tem uma precipitação anual de 1.600 a 2.750 mm. Sua temperatura anual varia entre 20 °C e 32 °C. A umidade relativa anual é de 80 a 90%.

O índice de desenvolvimento humano (IDH) foi de 0,625 em 2010, considerado médio, se enquadrando no segundo quartil mais baixo entre os 5565 municípios brasileiros analisados (PNUD, 2010), indicativo da baixa qualidade de vida e desenvolvimento econômico. A economia do município se baseia na pecuária, pesca e produção e venda de produtos de banana e mandioca como principais fontes de renda.

### ***População e amostragem***

A amostragem da área urbana foi feita por escolha aleatória de 20% dos domicílios estratificados por bairro / localidade. A contagem e identificação dos domicílios foram realizadas a partir do cadastro das Unidades de Saúde existentes na área urbana. Trezentos e sessenta domicílios foram selecionados aleatoriamente para a entrevista, com 1.555 habitantes; desses 867 tinham mais de 17 anos de idade. Foram convidados a participar do estudo todos os indivíduos maiores de idade em cada domicílio sorteado. Concordaram em participar do estudo e foram entrevistadas 820 pessoas (94,5%), pertencentes a 356 domicílios (98,89%), ao passo que 43 delas recusaram a entrevista e quatro não completaram a entrevista sobre o consumo de alimentos, resultando em 820 pessoas incluídas na análise. Os dados utilizados neste estudo foram coletados de janeiro a fevereiro de 2012.

### *Coleta de dados*

As variáveis coletadas referiram-se a características individuais, domiciliares, socioeconômicas, e posse de bens de consumo. As variáveis individuais foram sexo, idade em 2013, raça do chefe do domicílio, escolaridade, tabagismo, consumo de bebida alcoólica, insegurança alimentar, consumo de frituras, frutas e doces. O questionário das características domiciliares incluiu aspectos físicos dos domicílios e ambiente peridomiciliar, como o tipo de parede, piso, calçada e sanitário; a presença de energia elétrica, chuveiro com água encanada e chuveiro elétrico; e o material de revestimento da rua, atividade de pesca na beira dos rios ou se dorme na beira dos rios. O questionário socioeconômico incluiu questões sobre o nível socioeconômico, a renda mensal individual e familiar, formas de renda e recebimento de auxílios, informação sobre a produção de alimentos para consumo familiar, para comercialização e dados sobre extrativismo vegetal. O questionário que caracterizava a posse de bens de consumo considerou itens como televisão, aparelho de som, DVD player, fogão à gás, geladeira, máquina de lavar roupas, telefone fixo, liquidificador, bicicleta, ferro elétrico, carro, jogo de sala estofado, antena parabólica, telefone celular, moto, poço de água com e sem bomba, canoa/barco sem motor, bote/barco com motor, computador, micro-ondas, motosserra, colchão, cama e rede.

Normalmente, a renda e a escolaridade são utilizadas para definir a condição socioeconômica das famílias. No entanto, devido às dificuldades em obter valores confiáveis de renda familiar, muitos estudos têm utilizado a posse de bens de consumo para identificar a real vulnerabilidade socioeconômica das famílias (MARIN-LEON et al., 2011).

A Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) foi utilizada para medir a magnitude da insegurança alimentar nos domicílios. A EBIA é uma adaptação ao Brasil da Medida de Escala de Segurança Alimentar Domiciliar, inicialmente desenvolvida nos Estados Unidos. Consiste em um instrumento estruturado cujas questões seguem uma ordem crescente de severidade, começando com aquelas relacionadas às preocupações sobre a possibilidade de escassez de alimentos, abordando a redução da qualidade e quantidade de alimentos na família e terminando com questões específicas sobre a escassez de alimentos um ou mais dias (SEGALL-CORRÊA et al., 2010). Em domicílios com pelo menos um membro da família menor de 18 anos, cada resposta afirmativa representa 1 ponto, resultando em um escore de 0 a 15 pontos. São

considerados em segurança alimentar, famílias que obtêm 0 pontos; em insegurança leve de 1 a 5 pontos; insegurança moderada 6 a 10 pontos e insegurança grave 11 a 15 pontos. Nos domicílios em que todos os membros tinham 18 anos ou mais, são considerados em insegurança leve, os que obtêm de 1 a 3 pontos na escala, insegurança moderada 4 a 6 e insegurança grave de 7 a 8 pontos (SEGALL-CORRÊA et al., 2010).

### ***Construção do índice socioeconômico***

Para estimar a renda familiar foi construído um índice socioeconômico com base na presença de bens de consumo e utilidades domésticas no domicílio em questão (FILMER; PRICHETT, 2001). Para a composição inicial do índice foram selecionadas 25 variáveis: televisão aparelho de som, DVD player, fogão a gás, geladeira, máquina de lavar roupas, telefone fixo, liquidificador, bicicleta, ferro elétrico, carro, sofá, antena parabólica, telefone celular, motocicleta, poço de água sem bomba, poço de água com bomba, canoa, gerador de energia, computador, micro-ondas, motosserra, colchão, cama e rede. Com base nestes itens, calculou-se a média ponderada de cada variável para cada domicílio (subtração da quantidade de cada item presente em cada domicílio, da média do item em todos os domicílios dividido pelo desvio padrão). A análise de componentes principais foi realizada no software XLSTAT versão 7.5.2 com os parâmetros Covariance (n-1) e Correlation biplot / Coefficient = n. Foram comparados dois critérios de exclusão Kaiser (1960) e Jolliffe (1972). Kaiser (1960) preconiza manter os componentes principais com variância maior que 1. Pelo critério de Jolliffe (1972) adaptado para a matriz de covariância foram excluídas as variáveis com variância menor que 0,7. Na comparação dos critérios de exclusão Jolliffe (1972), adaptou-se melhor aos dados de consumo alimentar, sendo assim, optou-se por este critério. Os dois primeiros componentes principais explicaram 32,83% da variância total e derivaram os factor loadings: televisão (0,320); DVD player (0,485); fogão a gás (0,363); geladeira (0,391); máquina de lavar roupas (0,606); liquidificador (0,561); ferro elétrico (0,640); carro (0,499) sofá (0,595); antena parabólica (0,501); telefone celular (0,426); motocicleta (0,482); poço com bomba (0,337); computador (0,595), microondas (0,467) e cama (0,209). Todos os escores das variáveis que permaneceram foram somados, obtendo-se uma estimativa do índice de riqueza. O índice foi então dividido em quartis, sendo o 1º quartil correspondente aos 25% mais pobre da

população de estudo, e o 4º quartil correspondente aos 25% mais rico da população de estudo (JOLLIFFE, 1972).

### ***Análise estatística***

Os dados foram inseridos usando o software SPSS 20 (SPSS Inc., Chicago, IL). Foi realizada análise descritiva por meio das distribuições de frequências absoluta (n) e relativa (%) para as variáveis categóricas e para as variáveis contínuas por meio de medidas de tendência central e medidas de dispersão. O teste Qui-quadrado foi utilizado para comparar proporções e o teste t de Student para comparar as médias, com  $\alpha = 0,05$  como nível crítico.

As regressões logísticas foram realizadas por meio do software do R versão 3.3 (The R Foundation for Statistical Computing). Utilizou-se regressão logística simples não condicional para avaliar a associação entre os desfechos estudados e as variáveis independentes. As variáveis que apresentaram valor de p menor que 0,20 foram inseridas no modelo múltiplo pelo método stepwise e permaneceram no modelo as variáveis com valor de p inferior a 0,05 ou que modificaram em mais de 10% o ajuste geral do modelo. A modelagem foi avaliada usando os valores do Akaike Information Criteria.

Análises adicionais foram realizadas usando efeitos mistos de regressão logística (biblioteca MASS do programa R) para explorar a associação entre covariáveis individuais e domiciliares e a ocorrência dos desfechos, levando em consideração a estrutura aninhada dos dados (algumas pessoas compartilham o mesmo domicílio). Os resultados foram semelhantes aos obtidos pela regressão logística múltipla não condicional. Ambos os modelos resultaram em estimativas de OR semelhantes e intervalos de confiança semelhantes aos mostrados pelo modelo de regressão logística descrito anteriormente, e, portanto, optamos por não apresentar estes resultados.

### ***Aspectos éticos***

Este estudo fez parte de um projeto maior sobre malária e fatores associados e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Acre (protocolo número 23107.016975 / 2011-28). O consentimento informado por escrito foi obtido de cada participante antes do estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo contou com 820 participantes avaliados conforme a frequência do consumo de verduras e legumes em até 4 dias e 5 dias ou mais vezes na semana. A idade dos participantes variou entre 17 e 99 anos, sendo que 321 indivíduos consumiam verduras e legumes até 4 vezes na semana, com média da idade de 36,02 anos, desvio padrão de  $\pm 15,86$  e mediana de 31,0 anos. De modo complementar, 498 indivíduos consumiam verduras e legumes 5 vezes na semana ou mais, sendo 36 anos a média de suas idades, desvio padrão de  $\pm 17,66$  e mediana de 36,0 anos. A idade dos participantes está representada em quartis na Tabela 1. Houve tendência para o aumento do consumo de verduras e legumes com o aumento da idade dos participantes. Em relação ao sexo, 394 (48,1%) indivíduos correspondiam ao masculino e 425 (51,8%) ao feminino. A raça do chefe dos domicílios era em sua maioria parda ou mestiça (exceto branco com índio) em ambos os grupos de consumo. Também, aproximadamente metade dos indivíduos analisados (403) possuíam mais de 8 anos na escola e em conjunto com os demais grupos consumiam verduras e legumes em sua maioria mais que 5 dias da semana, independente dos anos de escolaridade.

Em relação aos hábitos de consumo, dos participantes que possuíam segurança alimentar 65,0% (202) consumiam verduras e legumes 5 dias ou mais na semana, o que correspondia a 57,6% (219) daqueles que estavam em insegurança alimentar. No que tange ao consumo de frituras, frutas e doces observou-se que apenas o consumo de frituras não acompanhou o aumento do consumo de verduras e legumes em 5 ou mais vezes na semana, ao passo que dos 563 (68,7%) participantes que consumiam frituras até 4 vezes na semana, 340 (60,4%) possuíam verduras e legumes na dieta 5 dias ou mais. Já quanto ao consumo de frutas, 243 (75,5%) dos indivíduos que as consomem 5 dias ou mais na semana também consomem verduras e legumes nessa frequência. E, por último, daqueles que consomem doces 5 dias ou mais na semana 147 (67,1%) também se alimentam com verduras e legumes 5 dias ou mais. Além disso, 497 (60,9%) não fumavam, enquanto 298 (60,0%) desse grupo consomem verduras e legumes 5 dias ou mais na semana.



**Tabela 1** – Características individuais dos participantes do estudo conforme ao Consumo Habitual de Verduras e Legumes, Mâncio Lima, AC, 2012.

Variável	N (%)	Frequência de consumo		Valor de P
		Até 4 dias na semana	5 dias ou mais na semana	
<b>Idade em 2013</b>				
17 – 24 anos	202 (24,6%)	98 (48,5%)	104 (51,5%)	<0,01
25 – 33 anos	196 (23,9%)	83 (42,3%)	113 (57,7%)	
34 – 49 anos	213 (26,0%)	68 (32,1%)	144 (67,9%)	
≤ 50 anos	209 (25,5%)	72 (34,4%)	137 (65,6%)	
<b>Sexo</b>				
Masculino	394 (48,1%)	162 (41,1%)	232 (58,9%)	0,28
Feminino	425 (51,8%)	159 (37,4%)	266 (62,6%)	
<b>Raça do Chefe de Domicílio</b>				
Branco	172 (21,0%)	60 (34,9%)	112 (65,1%)	0,15
Negro	78 (9,5%)	37 (47,4%)	41 (52,6%)	
Indígena e mistura de branco com índio	48 (5,8%)	23 (47,9%)	25 (52,1%)	
Pardo e outros mestiços	519 (63,5%)	200 (38,5%)	319 (61,5%)	
<b>Escolaridade</b>				
Analfabeto	91 (11,2%)	33 (36,3%)	58 (63,7%)	0,16
1-4 anos	196 (24,2%)	74 (37,8%)	122 (62,2%)	
5-8 anos	119 (14,7%)	58 (48,7%)	61 (51,3%)	
>8 anos	403 (49,8%)	154 (38,2%)	249 (61,8%)	
<b>Tabagismo</b>				
Não	497 (60,9%)	199 (40,0%)	298 (60,0%)	0,76
Sim	319 (39,1)	121 (37,9%)	198 (62,1%)	
<b>Consumo de bebida alcoólica</b>				
Não	400 (49,2%)	156 (39,0%)	244 (61,0%)	0,88
Sim ou consumia mas parou	413 (50,8%)	164 (39,7%)	249 (60,3%)	
<b>Insegurança alimentar</b>				
Não	311 (45,0%)	109 (35,0%)	202 (65,0%)	0,05
Sim	380 (54,9%)	161 (42,4%)	219 (57,6%)	
<b>Consumo de</b>				

<b>Frituras</b>				
≤ 4 vezes na semana	563 (68,7%)	223 (39,6%)	340 (60,4%)	0,75
5 dias ou mais vezes na semana	256 (31,2%)	98 (38,3%)	158 (61,7%)	
<b>Consumo de Frutas</b>				
≤ 4 vezes na semana	497 (60,6%)	242 (48,7%)	255 (51,3%)	<0,01
5 dias ou mais vezes na semana	322 (39,3%)	79 (24,5%)	243 (75,5%)	
<b>Consumo de Doces</b>				
≤ 4 vezes na semana	600 (73,2%)	249 (41,5%)	351 (58,5%)	0,02
5 dias ou mais vezes na semana	219 (26,7%)	72 (32,9%)	147 (67,1%)	

No que se refere às características domiciliares, tabela 2, 562 (68,6%) entrevistados moravam em casas de madeira e outros materiais em relação às de alvenaria. Por sua vez, os materiais do piso dos domicílios eram de cimento, tijolo ou cerâmica em 445 (54,4%) das casas, e desse grupo 283 (63,6%) consumiam verduras e legumes mais que 4 dias na semana. Quanto às condições de higiene, a maioria dos indivíduos 449 (54,8%) não possuía chuveiro com água encanada em casa e dentre aquelas que o possuíam, seja de uso exclusivo ou coletivo, 369 (68,5%) tinham o hábito de consumo de verduras e legumes 5 dias ou mais na semana. De maneira semelhante, a presença de chuveiro elétrico foi mínima, 33 (4,0%) dos analisados, sendo que desses 28 (84,8%) consumiam verduras e legumes na semana 5 dias ou mais. O material da calçada mais frequente foi terra, barro, grama ou ausência de calçada, o que correspondeu a 86,4%. Já o material de revestimento da rua demonstrou que 545 (70,2%) residem em vias de terra ou sem revestimento, 193 (23,5%) de asfalto, 80 (9,7%) de tijolo, de modo que naquelas com algum tipo de revestimento o consumo frequente de verduras e legumes prevaleceu. Acerca do tipo de sanitário pouco mais da metade 417 (50,9%) utilizava banheiro com sanitário e descarga, enquanto o restante contava com fossa, casinha “sem fossa” ou não tinha sanitário nem fossa. Dessa forma, 278 (66,7%) dos que usufruíam de banheiro com sanitário e descarga se alimentavam com verduras e legumes 5 dias ou mais na semana. Além disso, 816 (99,7%)

participantes utilizavam energia elétrica em casa, e a proporção daqueles que não detinham tal recurso foi a mesma entre quem consumia verduras e legumes até 4 dias na semana ou mais.

Entre os indivíduos que permaneciam próximos aos rios para atividade pesqueira ou que dormiam na beira do rio, houve o hábito de consumo de verduras e legumes 5 ou mais dias semanais para 172 (55,7%) e 112 (54,1%) pessoas, respectivamente.

**Tabela 2** – Características Domiciliares conforme o Consumo Habitual de verduras e legumes, Mâncio Lima, AC, 2012.

Variável	N (%)	Frequência de consumo		Valor de P
		Até 4 vezes na semana	5 dias ou mais na semana	
<b>Tipo de domicílio</b>				
Alvenaria ou maior parte de alvenaria	257 (31,4%)	90 (35,0%)	167 (65,0%)	0,1
Madeira e outros	562 (68,5%)	231 (41,1%)	331 (58,9%)	
<b>Teto do domicílio</b>				
Telhado de barro, amianto ou laje de concreto	512 (62,5%)	207 (40,4%)	305 (59,6%)	0,22
Madeira, plástico ou palha	8 (0,9%)	1 (12,5%)	7 (87,5%)	
Zinco, alumínio ou outros	298 (36,4%)	113 (37,9%)	185 (62,1%)	
<b>Parede do domicílio</b>				
Tijolo/bloco com ou sem revestimento	231 (28,2%)	83 (35,9%)	148 (64,1%)	0,23
Madeira, palha, lona, lata, papelão, outros	587 (71,7%)	238 (40,5%)	349 (59,5%)	
<b>Piso do domicílio</b>				
Cimento, tijolo ou cerâmica	445 (54,4%)	162 (36,4%)	283 (63,6%)	0,07
Madeira ou terra batida	373 (45,5%)	159 (42,6%)	214 (57,4%)	

<b>Possui chuveiro com água encanada em casa</b>				
Não	449 (54,8%)	205 (45,7%)	244 (54,3%)	
Sim, de uso exclusivo	360 (44,0%)	113 (31,4%)	247 (68,6%)	<0,01
Sim, de uso coletivo	9 (1,1%)	3 (33,3%)	6 (66,7%)	
<b>Possui chuveiro elétrico em casa</b>				
Não	785 (95,9%)	316 (40,3%)	469 (59,7%)	
Sim	33 (4,0%)	5 (15,2%)	28 (84,8%)	<0,01
<b>Material da calçada</b>				
Tijolo ou cimentada	111 (13,5%)	35 (31,5%)	76 (68,5%)	
Terra, barro, grama ou não tem	707 (86,4%)	286 (40,5%)	421 (59,5%)	0,07
<b>Material de revestimento da rua da casa</b>				
Terra ou não tem	545 (66,6%)	233 (42,8%)	312 (57,5%)	
Tijolo	80 (9,7%)	25 (31,2%)	55 (68,8%)	0,01
Asfalto	193 (23,5%)	63 (32,6%)	130 (67,4%)	
<b>Tipo de sanitário</b>				
Banheiro com sanitário e descarga	417 (50,9%)	139 (33,3%)	278 (66,7%)	
Fossa ou casinha “sem fossa”	367 (44,8%)	171 (46,6%)	196 (53,4%)	<0,01
Não tem sanitário nem fossa	34 (4,1%)	11 (32,4%)	23 (67,6%)	
<b>Possui energia elétrica da Eletronorte em sua casa?</b>				
Não	2 (0,2%)	1 (50,0%)	1 (50,0%)	
Sim	816 (99,7%)	320 (39,2%)	496 (60,8%)	1,0
<b>Pesca na beira do rio</b>				
Não	508 (62,1%)	184 (36,2%)	324 (63,8%)	
Sim	309 (37,8%)	137 (44,3%)	172 (55,7%)	0,02

**Dorme na beira do rio**

Não	610 (74,6%)	226 (37,0%)	384 (63,0%)	0,02
Sim	207 (25,3%)	95 (45,9%)	112 (54,1%)	

No que diz respeito às características socioeconômicas relacionadas ao consumo habitual de verduras e legumes, a tabela 3 reporta em quartis dos grupos com menor poder aquisitivo aos mais ricos. 68,1% (287) da metade mais rica dessa análise se alimentava com verduras e legumes 5 dias ou mais durante a semana. Também, 446 (54,5%) indivíduos não desempenharam trabalho remunerado nos últimos 30 dias, o que correspondia a 415 (50,7%) quando se considerou os últimos 90 dias. Os participantes contemplados com o bolsa família somaram 319 (38,9%), enquanto os que contavam com renda de bolsas, aposentadorias, pensões ou seguro desemprego eram 544 (66,5%). Vale destacar que a renda formal (vínculo empregatício) foi realidade de 283 (34,5%) dos entrevistados, e a informalidade remunerava 486 pessoas (59,4%).

O que concerne aos produtos para consumo e para comercialização, 32,7% (268) da amostra produzia carne para consumo, ao passo que 67,5% desse grupo consumia verduras e legumes 5 ou mais dias na semana. Outros itens frequentes produzidos para consumo foram verduras e legumes (60,0%), ovos (38,6%), frutas (47,6%) e pescado (37,0%). Quanto às atividades destinadas ao comércio, 9,3% (76) se dedicavam à roça ou horta, 0,8% (7) ao extrativismo, 4,6% (38) à pesca, e 3,5% (29) aos produtos industrializados.

**Tabela 3** – Características Socioeconômicas em Relação ao Consumo Habitual de Verduras e Legumes, Mâncio Lima, AC, 2012.

Variável	N (%)	Frequência de consumo		Valor de P
		Até 4 vezes na semana	5 dias ou mais na semana	
<b>Quartil Jolliffe</b>				
25% mais pobre	203 (24,8%)	93 (45,8%)	110 (54,2%)	<0,01
2	194 (23,7%)	94 (48,5%)	100 (51,5%)	
3	213 (26,0%)	69 (32,4%)	144 (67,6%)	
25% mais rico	208 (25,4%)	65 (31,2%)	143 (68,8%)	
<b>Trabalho remunerado nos últimos 30 dias</b>				

Não	446 (54,5%)	183 (41,0%)	263 (59,0%)	0,28
Sim	371 (45,4%)	138 (37,2%)	233 (62,8%)	
<b>Trabalho remunerado nos últimos 90 dias</b>				
Não	415 (50,7%)	163 (39,3%)	252 (60,7%)	1,0
Sim	402 (49,2%)	158 (39,3%)	244 (60,7%)	
<b>Recebe bolsa família</b>				
Não	499 (61,0%)	193 (38,7%)	306 (61,3%)	0,71
Sim	319 (38,9%)	128 (40,1%)	191 (59,9%)	
<b>Tem Renda formal</b>				
Não	535 (65,4%)	213 (39,8%)	322 (60,2%)	0,65
Sim	283 (34,5%)	108 (38,2%)	175 (61,8%)	
<b>Tem Renda informal</b>				
	818 (99,8%)			0,88
Não	332 (40,5%)	129 (38,9%)	203 (61,1%)	
Sim	486 (59,4%)	192 (39,5%)	294 (60,5%)	
<b>Tem Renda de bolsas, aposentadorias, pensões, seguro desemprego</b>				
Não	274 (33,4%)	105 (38,3%)	169 (61,7%)	0,7
Sim	544 (66,5%)	216 (39,7%)	328 (60,3%)	
<b>Roça ou horta para venda</b>				
Não	741 (90,6%)	292 (39,4%)	449 (60,6%)	0,71
Sim	76 (9,3%)	28 (36,8%)	48 (63,2%)	
<b>Extrativismo para venda</b>				
Não	810 (99,1%)	317 (39,1%)	493 (60,9%)	1,0
Sim	7 (0,8%)	3 (42,9%)	4 (57,1%)	
<b>Pesca para venda</b>				
Não	779 (95,3%)	303 (38,9%)	476 (61,1%)	0,49
Sim	38 (4,6%)	17 (44,7%)	21 (55,3%)	
<b>Comercializa de produtos</b>				

<b>industrializados</b>				
Não	788 (96,4%)	310 (39,3%)	478 (60,7%)	0,7
Sim	29 (3,5%)	10 (34,5%)	19 (65,5%)	
<b>Produz verduras e legumes para consumo próprio</b>				
Não	327 (39,9%)	138 (42,2%)	189 (57,8%)	0,16
Sim	491 (60,0%)	183 (37,3%)	308 (62,7%)	
<b>Produz leites e derivados para consumo próprio</b>				
Não	790 (96,5%)	315 (39,9%)	475 (60,1%)	0,07
Sim	28 (3,4%)	6 (21,4%)	22 (78,6%)	
<b>Produz carnes para consumo próprio</b>				
Não	550 (67,2%)	234 (42,5%)	316 (57,5%)	<0,01
Sim	268 (32,7%)	87 (32,5%)	181 (67,5%)	
<b>Produz ovos para consumo próprio</b>				
Não	502 (61,3%)	209 (41,6%)	293 (58,4%)	0,07
Sim	316 (38,6%)	112 (35,4%)	204 (64,6%)	
<b>Produz feijão para consumo próprio</b>				
Não	710 (86,7%)	274 (38,6%)	436 (64,1%)	0,34
Sim	108 (13,2%)	47 (43,5%)	61 (56,5%)	
<b>Produz arroz ou milho para consumo próprio</b>				
Não	751 (91,8%)	291 (38,7%)	460 (61,3%)	0,36
Sim	67 (8,1%)	30 (44,8%)	37 (55,2%)	
<b>Produz frutas para consumo próprio</b>				
Não	428 (52,3%)	170 (39,7%)	258 (60,3%)	0,77
Sim	390 (47,6%)	151 (38,7%)	239 (61,3%)	
<b>Renda familiar dos últimos 30 dias</b>				

< 1 Salário mínimo	162 (19,7%)	68 (42,0%)	94 (58,0%)	0,27
≥ Salário mínimo	636 (77,6%)	248 (39,0%)	388 (61,0%)	
Ignorado	21 (2,5%)	5 (23,8%)	16 (76,2%)	
<b>Extrativismo para consumo</b>				
Não	801 (97,9%)	315 (39,3%)	486 (60,7%)	0,8
Sim	17 (2,0%)	6 (35,3%)	11 (64,7%)	
<b>Pesca para consumo</b>				
Não	515 (62,9%)	203 (39,4%)	312 (60,6%)	0,94
Sim	303 (37,0%)	118 (38,9%)	185 (61,1%)	
<b>Caça para consumo</b>				
Não	762 (93,1%)	296 (38,8%)	466 (61,2%)	0,39
Sim	56 (6,8%)	25 (44,6%)	31 (55,4%)	

Conforme tabela 4, os bens de consumo foram analisados numa amostra com 818 indivíduos aptos. Os produtos mais encontrados nos domicílios foram: colchão (99,6%), cama para dormir (99,2%), geladeira (97,4%), televisão (97,3%), fogão à gás (96,8%), rede (92,2%), telefone celular (92,1%), e antena parabólica (91,1%). Por outro lado, itens como telefone fixo (3,3%), motosserra (7,8%), bote ou barco com motor (9,6%), micro-ondas (11,7%), poço de água sem bomba (12,8%), e carro (15,5%) eram menos comuns. Apenas máquina de lavar roupas, ferro elétrico, micro-ondas e motosserra obtiveram significância estatística.

**Tabela 4** – Posse de Bens de Consumo Conforme o Consumo Habitual de Verduras e Legumes, Mâncio Lima, AC, 2012.

Variável	N (%)	Frequência de consumo		Valor de P
		Até 4 vezes na semana	5 dias ou mais na semana	
<b>Possui televisão</b>				
Não	22 (2,6%)	6 (27,3%)	16 (72,7%)	0,27
Sim	796 (97,3%)	315 (39,6%)	481 (60,4%)	
<b>Possui aparelho de som</b>				
Não	322 (39,3%)	128 (39,8%)	194 (60,2%)	0,82
Sim	496 (60,6%)	193 (38,9%)	303 (61,1%)	



<b>Possui vídeo cassete (DVD player)</b>				
Não	301 (36,7%)	122 (40,5%)	179 (59,5%)	0,6
Sim	517 (63,2%)	199 (38,5%)	318 (61,5%)	
<b>Possui fogão à gás</b>				
Não	26 (3,1%)	11 (42,3%)	15 (57,7%)	0,83
Sim	792 (96,8%)	310 (39,1%)	482 (60,9%)	
<b>Possui geladeira</b>				
Não	21 (2,5%)	11 (52,4%)	10 (47,6%)	0,25
Sim	797 (97,4%)	310 (38,9%)	487 (61,1%)	
<b>Possui máquina de lavar roupas</b>				
Não	407 (49,7%)	176 (42,3%)	231 (56,8%)	0,02
Sim	411 (50,2%)	145 (35,3%)	266 (64,7%)	
<b>Possui telefone fixo</b>				
Não	791 (96,6%)	313 (39,6%)	478 (60,4%)	0,32
Sim	27 (3,3%)	8 (29,6%)	19 (70,4%)	
<b>Possui liquidificador</b>				
Não	169 (20,6%)	71 (42,0%)	98 (58,0%)	0,42
Sim	649 (79,3%)	250 (38,5%)	399 (61,5%)	
<b>Possui bicicleta</b>				
Não	329 (40,2%)	134 (40,7%)	195 (59,3%)	0,51
Sim	489 (59,7%)	187 (38,2%)	302 (61,8%)	
<b>Possui ferro elétrico</b>				
Não	348 (42,5%)	160 (46,0%)	188 (54,0%)	<0.01
Sim	470 (57,4%)	161 (34,3%)	309 (65,7%)	
<b>Possui carro</b>				
Não	691 (84,4%)	280 (40,5%)	411 (59,5%)	0,09
Sim	127 (15,5%)	41 (32,3%)	86 (67,7%)	
<b>Possui jogo de sala estofado</b>				
Não	192 (23,4%)	85 (44,3%)	107 (55,7%)	0,1
Sim	626 (76,5%)	236 (37,7%)	390 (62,3%)	
<b>Possui antena parabólica</b>				

Não	72 (8,8%)	31 (43,1%)	41 (56,9%)	0,52
Sim	746 (91,1%)	290 (38,9%)	456 (61,1%)	
<b>Possui telefone celular</b>				
Não	64 (7,8%)	32 (50,0%)	32 (50,0%)	0,08
Sim	754 (92,1%)	289 (38,3%)	465 (61,7%)	
<b>Possui moto</b>				
Não	461 (56,3%)	193 (41,9%)	268 (58,1%)	0,16
Sim	356 (43,5%)	128 (36,0%)	228 (64,0%)	
<b>Possui poço de água sem bomba</b>				
Não	712 (87,1%)	277 (38,9%)	435 (61,1%)	0,46
Sim	105 (12,8%)	43 (41,0%)	62 (59,0%)	
<b>Possui poço de água com bomba</b>				
Não	650 (79,4%)	264 (40,6%)	386 (59,4%)	0,13
Sim	168 (20,5%)	57 (33,9%)	111 (66,1%)	
<b>Possui canoa ou barco sem motor</b>				
Não	664 (81,1%)	255 (38,4%)	409 (61,6%)	0,31
Sim	154 (18,8%)	66 (42,9%)	88 (57,1%)	
<b>Possui bote ou barco com motor</b>				
Não	739 (90,3%)	288 (39,0%)	451 (61,0%)	0,71
Sim	79 (9,6%)	33 (41,8%)	46 (58,2%)	
<b>Possui computador</b>				
Não	641 (78,3%)	259 (40,4%)	382 (59,6%)	0,22
Sim	177 (21,6%)	62 (35,0%)	115 (65,0%)	
<b>Possui micro-ondas</b>				
Não	722 (88,2%)	294 (40,7%)	428 (59,3%)	0,01
Sim	96 (11,7%)	27 (28,1%)	69 (71,9%)	
<b>Possui motosserra</b>				
Não	754 (92,1%)	305 (40,5%)	449 (59,5%)	0,01
Sim	64 (7,8%)	16 (25,0%)	48 (75,0%)	
<b>Possui colchão</b>				
Não	3 (0,3%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	1,0

Sim	815 (99,6%)	320 (39,3%)	495 (60,7%)	
<b>Possui cama para dormir</b>				
Não	6 (0,7%)	3 (50,0%)	3 (50,0%)	0,68
Sim	812 (99,2%)	318 (39,2%)	494 (60,8%)	
<b>Possui rede</b>				
Não	63 (7,7%)	23 (36,5%)	40 (63,5%)	0,68
Sim	755 (92,2%)	298 (39,5%)	457 (60,5%)	

A tabela 5 demonstra os fatores que estiveram associados a um maior consumo de verduras e legumes entre moradores de Mâncio Lima no ano de 2012.

**Tabela 5** – Fatores associados ao consumo habitual de verduras e legumes, município de Mâncio Lima, Ac, 2012. (N=818)

Variáveis	OR não ajustado	IC 95%	OR ajustado	IC 95%	Valor de P
<b>Idade em 2013</b>					
17 – 24 anos	1				
25 – 33 anos	1,05	0,69 – 1,59	1,05	0,68 – 1,63	0,819
34 – 49 anos	0,7	0,46 – 1,05	0,74	0,48 – 1,135	0,164
≤ 50 anos	0,56	0,38 – 0,83	0,52	0,34 – 0,79	<0,001
<b>Quartil Jolliffe</b>					
25% mais pobre	1				
2	0,9	0,61 – 1,33	0,78	0,51 – 1,18	0,232
3	1,76	1,18 – 2,63	1,4	0,92 – 2,21	0,119
25% mais rico	1,86	1,24 – 2,78	1,38	0,9 – 2,11	0,143
<b>Consumo de carne</b>					
Não	1				
Sim	1,54	1,13 – 2,09	1,51	1,09 – 2,1	0,013
<b>Consumo de Doces</b>					
≤ 4 vezes na semana	1				
5 dias ou mais vezes na semana	1,45	1,05 – 2,01	1,6	1,13 – 2,27	0,008
<b>Consumo de Frutas</b>					
≤ 4 vezes na semana	1				
5 dias ou mais vezes na semana	2,91	2,13 – 3,96	2,64	1,92 – 3,64	<0,001

A frequência do consumo de verduras e legumes maior do que 4 vezes na semana foi de 60,8% (498). O consumo de verduras e legumes foi menor entre aqueles com mais de 50 anos de idade (OR = 0,52, IC 95%= 0,34 – 0,79,  $p < 0,001$ ). Também teve associação com o maior consumo de verduras e legumes consumir carne (OR = 1,51, IC 95%= 1,09 – 2,1,  $p = 0,013$ ), e consumir doces e frutas com maior frequência (respectivamente, OR = 1,6, IC 95%= 1,13 – 2,27,  $p = 0,008$  e OR = 2,64, IC 95%= 1,92 – 3,64,  $p < 0,001$ ).

Apesar de não ter sido encontrado significância estatística entre consumo de verduras e legumes e índice socioeconômico, houve uma tendência a consumo mais frequente nos estratos mais elevados de índice socioeconômico, sendo que esta variável melhorou o ajuste estatístico do modelo multivariado.

A prevalência de consumo regular de verduras e legumes de 60,8% foi evidenciada em moradores de Mâncio Lima. As maiores taxas de consumo pertenceram às mulheres, indivíduos em situação de segurança alimentar e àqueles enquadrados nas faixas etárias mais elevadas. Os fatores associados ao consumo regular de verduras e legumes (5 ou mais dias na semana) foram o consumo de doces, carnes e frutas. Em contraponto à análise univariada, idade maior a 50 anos esteve relacionada a um menor consumo de verduras e legumes.

Embora não haja significância estatística, os resultados obtidos deram indicativos de que o consumo de verduras e legumes aumentava entre a população mais rica, em conformidade com estudos de Vianna e Segall-Corrêa (2008). Além disso, Pacheco et al., (2020) indica que a baixa renda familiar é um dos fatores agravantes da região, tendo em vista que a baixa produção de alimentos associada às limitações geográficas, como acesso e logística de distribuição, encarecem e tornam a dieta dessa população insuficiente. Ramalho et al., (2012) pontuam também que apesar da renda maior não assegurar alimentação saudável, ela possibilita compor uma dieta mais diversificada, englobando frutas, verduras e legumes. Não obstante, o cultivo residencial de hortifrutigranjeiros, hábito da cultura local, pode explicar o consumo regular considerável dos entrevistados. Alimentos produzidos na própria residência reduzem gastos que podem ser remanejados para outras despesas, principalmente em famílias pobres (SIVIERO et al., 2011).

A frequência do consumo regular de verduras e legumes maior no sexo feminino também foi observada no estudo de Ramalho et al., (2012) e nos dados da pesquisa de

vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico do Ministério da Saúde em 2019 (VIGITEL, 2020), em que do conjunto da população adulta brasileira 39,8% das mulheres consumiam frutas e hortaliças regularmente contra 27,9% dos homens. Estudo de Castro (2012) avaliou que os homens tendem a se importar menos com comportamentos associados à prevenção de risco e promoção à saúde, incluindo a dieta, efeito este que pode ser replicado para esses resultados.

Foi observado nesta pesquisa que indivíduos em insegurança alimentar tenderam a consumir verduras e legumes com menor frequência quando comparados ao grupo com segurança alimentar. Tal evidência também foi observada no estudo de Martins, (2010) com decréscimo no consumo de verduras e legumes à medida que aumentava o nível de insegurança alimentar. Marín-León et al., (2005) constatou o mesmo padrão ao considerar o consumo de frutas, verduras e carnes. Silva et al., (2015) discute circunstâncias semelhantes aos dados obtidos ao associar o baixo consumo de frutas, verduras e legumes (alimentos reguladores) aos três níveis de insegurança alimentar, com significativa tendência de menor consumo entre famílias em insegurança alimentar leve, diminuindo progressivamente quando em insegurança moderada e grave. Em contrapartida, Coelho e Gubert (2015), em um estudo transversal com acadêmicos concluintes do ensino fundamental de todas as capitais brasileiras entre 2011 e 2012, reportaram que diferentemente dos estudos supracitados a insegurança alimentar esteve associada ao maior consumo de frutas e hortaliças regionais. Todavia, a amostra da pesquisa em questão continha somente moradores das capitais, condição discrepante da localidade deste estudo, realizado no interior da Amazônia brasileira. Por conseguinte, outro fator limitante relacionado é a renda baixa da região e alto custo de verduras e legumes no interior, o que poderia justificar os resultados evidenciados.

Coincidente aos dados obtidos na análise univariada, foi referido por Neutzling et al., (2009), Figueiredo et al., (2008) e Campos et al., (2010) que a frequência do consumo de verduras aumentava de acordo com a idade. Análise internacional também corroborou esses achados, Lock et al., (2005) estimou que em regiões de quatro continentes, América, África, Ásia e Europa, idosos consumiam verduras mais frequentemente. Por outro lado, o modelo final de análise dessa pesquisa indicou menor consumo regular para indivíduos com 50 anos ou mais. Souza et al., (2019) pondera que o processo do envelhecimento está condicionado a comportamentos que afetam o apetite e o padrão alimentar saudável dessa população. Ao conduzir seu estudo

longitudinal de base populacional com 1.197 indivíduos com 60 anos ou mais de Florianópolis, totalizou 38% dessa amostra com consumo regular de verduras e legumes, valor superior aos 26,6% entre idosos acima dos 64 anos apontados pela pesquisa de vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico do Ministério da Saúde em 2019 (VIGITEL, 2020). Dito isso, outros fatores podem estar relacionados ao baixo consumo de verduras e legumes entre idosos. Guiotoku et al., (2012) relatam que os estados do Norte possuem os piores indicadores de saúde bucal para a população negra no país, sendo do Acre, com maioria autodeclarada negra (IBGE, 2006), a maior média do índice de dentes cariados, perdidos, obturados (CPO-D) e de dentes perdidos. Assim, uma das hipóteses que poderiam justificar o baixo consumo de verduras e legumes por idosos encontrados nessa pesquisa é a falta de acesso e utilização dos serviços de saúde bucal dessa população, fato este que Silva et al., (2010) reafirmam ao traçar os impactos da ausência dos dentes, sob a dimensão da inabilidade física, indicando que a estabilidade das próteses, especialmente as mandibulares, e uma adequada mastigação dos alimentos são fatores que muito interferem na qualidade de vida de pacientes desdentados. Também, análise de Paranhos et al., (2009) demonstrou que o Acre possuía a menor proporção de Cirurgião-Dentista/Habitante da região norte do país, e o levantamento epidemiológico de âmbito nacional SB Brasil 2010 – Pesquisa Nacional de Saúde Bucal ratifica esses dados indicando que apenas 22% dos idosos da região Norte utilizaram serviços de saúde bucal no último ano face a 31% da região Sudeste, ao passo que 28,5% dos idosos no Norte nunca consultaram esses serviços, ante a 9,1% no Sul do Brasil.

Foi verificado que o maior consumo de verduras e legumes correspondeu ao consumo frequente de doces, cuja associação pode também ser relativa a um aumento de renda. Estudo de Zanini et al., (2013) com adolescentes da rede pública estadual de Caruaru/PE indicou maior consumo diário de doces (36%) entre os alimentos analisados e em outra análise de Muniz et al., (2013) de igual amostra e dos mesmos autores revelou prevalência de consumo diários de verduras e legumes de 29%, e de frutas de 32,9%. De modo análogo, avaliação de Levy et al., (2012) acerca da ‘Disponibilidade de “açúcares de adição” no Brasil: distribuição, fontes alimentares e tendência temporal’ baseada em dados das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POFs) nas áreas metropolitanas do país, nos anos de 1986/87, 1995/96 e 2002/03 revelaram que a região Norte apresentou menor taxa de “açúcares de adição” do total de calorias, 13% ante a

16,3-18,1% das demais regiões. Os “açúcares de adição” considerados correspondiam àqueles utilizados em preparações culinárias e em alimentos processados e, frente ao exposto, pode-se inferir que um elevado consumo de doces para essa pesquisa seja fruto da abundância de frutas regionais com preparo domiciliar cultural em forma de doces, sucos, compotas, geleias e polpas açucaradas.

Quanto ao acesso às carnes, Longo-Silva et al., (2019), diz que embora esse gênero alimentício represente o item mais caro da alimentação brasileira, ele corresponde ao maior gasto das famílias e, inclusive, o grupo de menor renda o que proporcionalmente mais gasta. Logo, o aumento do consumo de verduras e legumes associado à renda vai ao encontro desses achados. De igual maneira, a disponibilidade domiciliar de frutas está condicionada ao poder aquisitivo das famílias (IBGE, 2010), e sua associação com aumento do consumo de verduras e legumes era esperada tendo em vista que, como explica Canella et al., (2018), são alimentos majoritariamente tratados em conjunto nas recomendações nutricionais e como objetos de pesquisa vide (WHO, 2003, VIGITEL 2011, 2019, 2020).

## **CONCLUSÃO**

Em conclusão, foi evidenciada uma prevalência considerável do consumo regular de verduras e legumes na população urbana de Mâncio Lima, de acordo com as recomendações científicas. Merece menção que as informações discutidas são circunscritas a um pequeno município da Amazônia brasileira no ano de 2012. Logo, faz-se necessário compreender os fatores socioeconômicos, demográficos, regionais e culturais para formulação de políticas públicas que aperfeiçoem a dieta da população brasileira, em especial a amazônica, cujo meio ambiente e a disponibilidade de alimentos é bem diferente de outras regiões do país, em função do clima, solo, desenvolvimento da economia e posição geográfica. Os subsídios fornecidos por esta pesquisa destacaram que há estratos sociais com menor consumo de verduras e legumes (e outros alimentos) quando se considera idade, renda e nível de segurança alimentar. Os hábitos de consumir regularmente doces, carnes e frutas apresentaram associações com o consumo regular de verduras e legumes na população adulta do município de Mâncio Lima, Acre.

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos não são obrigatórios. Caso queira agradecer a uma pessoa ou instituição, o autor ou os autores do manuscrito deve(m) expressar o motivo do agradecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição, (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Departamento de Atenção Básica, Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. **Projeto SB-Brasil 2010**. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. **Na cozinha com as frutas, legumes e verduras**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.

BUFFARINI, R. **Trajetória de consumo de frutas, legumes e verduras em adolescentes. Estudo de coorte de nascimento de 1993, Pelotas-RS**. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

CAMPOS, V. C.; BASTOS, J. L.; GAUCHE, H.; BOING, A. F.; ASSIS, M. A. A. Fatores associados ao consumo adequado de frutas, legumes e verduras em adultos de Florianópolis. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 2, p. 352-62, 2010.

CANELLA, D. S.; LOUZADA, M. L. C.; CLARO, R. M.; COSTA, J. C.; BANDONI, D. H.; LEVY, R. B.; MARTINS, A. P. B. Consumo de hortaliças e sua relação com os alimentos ultraprocessados no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, n. 50, p. 1-11, 2018.

CASTRO, R. S. **Padrão de Consumo Alimentar e Diferença de Gênero. 2012**; 98f. Dissertação (Mestrado em ecologia de Alimentos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

COELHO, S. E, A. C.; GUBERT, M. B. Insegurança alimentar e sua associação com consumo de alimentos regionais brasileiros. **Revista de Nutrição**, v. 28, n. 5, p. 555-567, 2015.

CNA. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. **Hortaliças: balanço 2017**. Disponível em: <lamina\_hortaliças\_balanco\_2017(cnabrazil.org.br)>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FIGUEIREDO, I. C. R.; JAIME, P. C.; MONTEIRO, C. A. Fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras em adultos da cidade de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 5, p. 777-785, 2008.

FILMER, D.; PRITCHETT, L. H. Estimating wealth effects without expenditure data - or tears: an application to educational enrollments in states of India. **Demography**, v. 38, n. 1, p. 115-132, 2001.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Food-based dietary guidelines**. Disponível em: <http://www.fao.org/nutrition/educacion-nutricional/food-dietary-guidelines/home/en/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

GUIOTOKU, S. K.; MOYSÉS, S. J.; FRANÇA, B. H. S.; BISINELLI, J. C. Iniquidades raciais em saúde bucal no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 31, n. 2, p. 135-341, 2012.



IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: síntese de indicadores.** Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2008-2009: análise nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2010.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativa populacional 2020.** 29 de agosto de 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/mancio-lima/panorama>. Acesso em: 27 fev. 2021.

JOLLIFFE, I. T. Discarding Variables in a Principal Component Analysis II: Real Data. **Applied Statistics**, v. 21, p. 160-173, 1972.

KAISER, H. F. The application of electronic computers to factor analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v. 20, p.141-151, 1960.

JUNQUEIRA, A. M. R.; ALMEIDA, I. L. **A participação da agricultura familiar na produção de hortaliças e o mercado dos orgânicos.** Disponível em: <https://revistacultivar.com.br/noticias/artigo-a-participacao-da-agricultura-familiar-na-producao-de-hortalicas-e-o-mercado-dos-organicos>. Acesso em: 20 mar. 2021.

LOCK, K.; POMERLEAU, J.; CAUSER L.; ALTMANN, D. R.; MCKEE, M. The global burden of disease attributable to low consumption of fruit and vegetables: implications for the global strategy on diet. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 83, p. 100-108. 2005.

LONGO-SILVA, G.; SILVEIRA, J. A. C.; MENEZES, R. C. E.; MARINHO, P. M.; EPIFÂNIO, S. B. O.; BREBAL, K. M. M.; TOLONI, M. H. A.. Tendência temporal e fatores associados ao consumo de carnes gordurosas na população brasileira entre de 2007 a 2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 3, p. 175-1188, 2019.

MARIN-LEON, L.; FRANCISCO, P. M. S. B.; SEGALL-CORRÊA, A. M.; PANIGASSI, G. Bens de consumo e insegurança alimentar: diferenças de gênero, cor de pele autorreferida e condição socioeconômica. **Revista brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 3, p. 398-410, 2011.

MARTINS, M. C. **Intervenção educativa para utilização de alimentos regionais por famílias de pré-escolares.** 2010, 162 f. Tese. (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MUNIZ, L. C.; ZANINI, R.V.; SCHNEIDER, B.C.; TASSITANO, R.M.; FEITOSA, W.M.N.; GONZÁLEZ, D.A. Prevalência e fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras entre adolescentes de escolas públicas de Caruaru, PE. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, p. 393-404, 2013.

NEUTZLING, M. B.; ROMBALDI, A. J.; AZEVEDO, M. R. e HALLAL, P. C. Fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras em adultos de uma cidade no Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 11, p. 2365-2374, 2009.

ONU-BRASIL. **Relatório de progresso 2019 marco de parceria das nações unidas no brasil para o desenvolvimento sustentável Brasil 2017 – 2021.** Disponível em: [https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-02/Brasil\\_Relatorio\\_Progresso\\_2019.pdf](https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-02/Brasil_Relatorio_Progresso_2019.pdf). Acesso em: 07 mar. 2021.

PACHECO, J. V. C. Insegurança Alimentar e Desigualdades Socioeconômicas em uma Cidade Amazônica Brasileira. **DêCiência em Foco**, v. 4, n. 1, p. 93-108, 2020.

PARANHOS, L. R; RICCI, I. D.; SIQUEIRA, D. F.; SCANAVINI, M. A.; JÚNIOR, E. D. Análise do mercado de trabalho odontológico na região norte do Brasil. **Revista Odonto**, v. 17, n. 34, 2009.

PONTIERI, F. M.; CASTRO, L. P. T.; RESENDE, V.A. Relação Entre O estado nutricional e o consumo de frutas, verduras e legumes de pacientes atendidos em uma clínica escola de nutrição. **Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 15, n. 4, p. 117-130, 2011.

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Ranking IDHM Municípios 2010**. Atlas do Desenvolvimento Humano. 2010. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

RAMALHO, A. A.; DALAMARIA, T.; SOUZA, O. F. Consumo regular de frutas e hortaliças por estudantes universitários em Rio Branco, Acre, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 7, 2012.

RAMALHO, M.; TAVANO, M. **Dicas, ideias e atitudes: sustentabilidade, reaproveitamento e reciclagem para uma vida melhor**. Assessoria de Comunicação. Prefeitura do Campus USP de Bauru, Novembro de 2013.

SEGALL-CORRÊA, A. M.; MARÍN-LEÓN, L.; PÉREZ-ESCAMILLA, R. Escala Brasileira de Medida da Insegurança Alimentar (EBIA): Validação, Usos e Importância para as Políticas Públicas. In: **Fome Zero: uma historia Brasileira**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, v. 3, p. 26-43, 2010.

SILVA, P. R. Uma abordagem sobre o mercado de hortaliças minimamente processadas. **Informações Econômicas**, v. 38, n. 4, p. 52-557, 2008.

SILVA, M. E. S.; VILLAÇA, Ê. L.; MAGALHÃES, C. S.; Efigênia Ferreira e Ferreira. Impacto da perda dentária na qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 841-850, 2010.

SILVA, C. C. S.; OLIVEIRA, K. B. B.; ALVES, A. S.; NEVES, J. A.; MODESTO, C. A. C., TOLEDO, R. P. Associação entre consumo alimentar e (in)segurança alimentar e nutricional em São José dos Ramos – PB. **Brazilian Journal Food Technology**, IV SSA, p. 23-30, 2012.

SILVEIRA E.A.; MARTINS, B. B.; ABREU, L. R. S.; CARDOSO, C. K. S. Baixo consumo de frutas, verduras e legumes: fatores associados em idosos em capital no Centro-Oeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(12):3689-3699, 2015.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, Â. M.S. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SOUZA, B. B.; CEMBRANEL, F.; HALLAL, A. L. C.; D'ORSI, E. Consumo de frutas, legumes e verduras e associação com hábitos de vida e estado nutricional: um estudo prospectivo em uma coorte de idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 463-1472, 2019.

VIANNA, R. P. T.; SEGALLCORRÊA, A. M. Insegurança alimentar das famílias residentes em municípios do interior do Estado da Paraíba, Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 21, Suppl, p. 111-122, 2008.

VIGITEL 2010. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2010. [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. 152 p.

VIGITEL 2018. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2018. [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019.

VIGITEL 2019. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção

para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019 [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020.

WHO. World Health Organization. **Global strategy on diet, physical activity and health**. Geneva: World Health Organization, 2003.

ZANINI, R. V.; MUNIZ, L. C.; SCHNEIDER, B. C.; TASSITANO, R. M.; FEITOSA, W. M. N.; GONZÁLEZ-CHICA, D. A.. Consumo diário de refrigerantes, doces e frituras em adolescentes do Nordeste brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 12, p. 3739-3750, 2013.